



ENFERMAGEM E INFORMÁTICA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO E A ASSISTÊNCIA

*Eloá Jane Fernandes Mateus**

*Fátima Maria de Freitas Albertino***

*Mauren T. G. Mendes Tacla***

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estimular a reflexão sobre a utilização da informática na enfermagem e sua adequação à prática profissional. São incluídos aspectos relevantes da divisão do trabalho na enfermagem - trabalho intelectual X trabalho manual – que se inserem no contexto histórico da sociedade burguesa/capitalista. Além desses aspectos, busca refletir sobre como o avanço tecnológico pode influenciar o cuidado de enfermagem, seus aspectos positivos e negativos. O ensino de enfermagem aparece como outro ponto a ser debatido, em especial as disciplinas de informática nele incluídas. Elas podem ser utilizadas em simulações, testes de procedimentos, adequando o ensino ao ritmo do aluno. Mas, também se deve proporcionar ao aluno a oportunidade de discutir e buscar alternativas para o uso da informática visando a melhoria da assistência preventiva ou curativa prestada ao paciente.

PAVAVRAS-CHAVE: Informática e Enfermagem; Ideologia e Enfermagem; Informática no Ensino; Ensino de Enfermagem.

ABSTRACT

The present work aimed stimulate the reflexion about the utilization of computer in nursing and it's adequacy to the professional practice. Relevant aspects about the division of the nursing work are included – intelectual work X manual work – which are inserted in the historical context of a bourgeois/capitalist society. Beyond these aspects, reflect about how the techonological advances can influence the nursing care, both the positive and negative aspects. The nursing teaching appears as another point of discusion, particulary their computer disciplines. It can be used in simulations, procedures tests, adequating the teaching to the student's rhythm. But, also must provides the student the opportunity to discus and get alternatives for the use of computer in the improvement of the preventive and curative care manegement to the patient.

KEY-WORDS: Computer and Nursing; Ideology and Nursing; Computer in Education; Nursing Teaching

* Docente do Departamento de Computação da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Mestre em Educação.

** Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Filadélfia – UniFil. Mestre em Educação.

Considerações iniciais

A profissão de enfermagem, assim como todas as profissões da humanidade, tem passado, desde a Revolução Industrial, por inúmeras transformações. Não nos referimos somente à forma como os processos passaram a ser executados, auxiliados pelo uso de máquinas e engenhocas, mas sim a toda a sua concepção filosófica. Novas tecnologias passaram a ser utilizadas, e em alguns casos chegaram até mesmo a dominar, as atividades profissionais de determinados grupos, inclusive as da enfermagem.

No Brasil atual, a alta tecnologia vem tomando conta de todas as áreas. Não podia ser diferente com os profissionais de enfermagem. Os computadores entraram na rotina dos hospitais e unidades básicas de saúde. Particularmente na área hospitalar, pela sua complexidade, não se permite o raciocínio de simples transferência de “know-how” que vem se aplicando no campo industrial, pois o principal objetivo dos serviços de saúde é fazer um atendimento com qualidade e humanizado. Atendemos pessoas, não fabricamos carros ou outra máquina qualquer.

As máquinas e equipamentos, principalmente após o advento da eletrônica, talvez pudessem levar a sociedade a imaginar que o homem seria fatalmente substituído pela mecânica, pelas válvulas ou pelos transistores. Na verdade, isto jamais poderá ocorrer, pois, a criação e aperfeiçoamento de todos os equipamentos são da competência exclusiva do homem que os cria, aperfeiçoa e controla.

O computador veio para auxiliar o enfermeiro, comandando processos e realizando uma série de tarefas que o transformam em uma das maravilhosas ferramentas criadas pelo homem do século XX. Para Phaneuf (*apud* SCOCHI, 1991, p.21) *ainda que possamos efetuar certas tarefas com o computador, será sempre com nossos corações que abordaremos os pacientes e com nossas mãos que deles cuidaremos.*

A enfermagem precisa conhecer suas potencialidades e possibilidades para saber como melhorar o ensino, a pesquisa e a assistência com o auxílio do computador. Precisa de diretrizes básicas vinculadas a uma filosofia aplicada conscientemente à prática para não guiar-se por atitudes puramente mecânicas, que não exigem análise da situação. Sendo assim, queremos com este trabalho estimular a reflexão sobre a utilização da informática na enfermagem e sua adequação à prática profissional.

A enfermagem e seu objeto de trabalho

O homem necessita de cuidados, e a enfermagem é uma das profissões que lhe presta esses cuidados. A ciência da enfermagem ainda se encontra numa fase pré-paradigmática, que busca definir seu objeto de trabalho: o homem ou o cuidado? Apesar disso, o enfermeiro está, freqüentemente, mais preocupado em preencher papéis e requisições ou em “proibir” o acesso deste ou daquele visitante.

Quando pensamos no exercício da enfermagem, muitas imagens podem nos vir à mente: eficiência, postura, competência, rotinas, normas, proibições, imposições. A técnica passou a ser enaltecida na formação profissional, e o que se vê nas escolas é uma grande preocupação com habilidades psicomotoras, posturas, métodos. A preocupação com o cuidado individualizado tornou-se pouco evidente na realidade em que vivemos.

O que se observa na assistência de enfermagem são pacientes sendo despojados de pudores, preferências, desejos. Devem apenas seguir as recomendações médicas e de enfermagem, sem questionamentos, com pouca ou nenhuma participação ativa no processo de recuperação.

Normas pré-estabelecidas, condutas prescritivas, métodos tecnicamente eficientes, modelos, padrões. Tudo isso foi criado dentro de uma filosofia de sistematização, onde para cada *input*¹ fornecido e cada *output*² desejado há um processo analisado e testado. Não se condenam aqui as técnicas da sistematização: elas tiveram um papel importantíssimo no desenvolvimento de métodos, na conquista de um certo nível de qualidade. Entretanto, há muito mais por trás dos cuidados necessários na assistência de enfermagem.

O tempo gasto pelo enfermeiro no contato direto com o paciente é, em grande parte das vezes, insuficiente para atender às necessidades daquele ser humano sob seus cuidados. Assistimos diariamente profissionais de enfermagem pouco empenhados em refletir sua prática, sem sequer questionar se o que fazem é o necessário para o bem-estar do paciente.

Para que se efetive uma sensível melhora na assistência de enfermagem é necessário que os enfermeiros percebam a necessidade de estar continuamente buscando respostas e alternativas que atendam às necessidades de sua clientela. O desenvolvimento intelectual do enfermeiro inclui o exercício de pensar, perceber, refletir, criticar, imaginar, criar, investigar, buscar e compartilhar soluções, bem como a aquisição de conhecimentos científicos básicos.

Estes conhecimentos são operacionalizados através da prática de assistir, administrar, ensinar e pesquisar, passando antes pela humanização das relações, que devem ser cordiais, participativas e cooperativas (SAUPE, 1992). O saber será considerado como o instrumental que a enfermagem utiliza para realizar o seu trabalho, instrumental este legitimado e reproduzido pelo ensino desta prática.

A prática de enfermagem, a cada dia que passa exige que os profissionais estejam mais preparados, não só em termos técnicos e teóricos, mas também humanísticos. A enfermagem vem se projetando mais e mais na convergência entre ciência e arte, buscando, além de consolidar seus caminhos, “estar com” os seres humanos com quem atua, lutando para o aprimoramento da assistência à saúde.

O computador pode ser um instrumento útil para funções educacionais, de pesquisa e administrativas na enfermagem. Portanto, é necessário que os enfermeiros o conheçam para discutir e opinar sobre suas possíveis aplicações (Mirin *apud* TEIXEIRA, 1990).

1 *Input*: palavra de origem inglesa usada com o significado “entrada de dados”.

2 *Output*: palavra de origem inglesa usada com o significado “saída de dados”.

Trabalho intelectual X trabalho manual

Ainda hoje se realiza na enfermagem a divisão de trabalho intelectual/trabalho manual. O primeiro é realizado pelo enfermeiro através do planejamento da assistência, gerenciamento da unidade, supervisão dos auxiliares; já o segundo, executado pelos auxiliares de enfermagem, relaciona-se ao cuidado direto com o paciente, sendo classificado como de menor complexidade. Tal divisão é reforçada pelo sistema capitalista que, desse modo, valoriza o trabalho (intelectual) executado pelos enfermeiros e desvaloriza aquele realizado pelos auxiliares (manual).

Essas considerações nos levam a refletir sobre a questão formulada por ALMEIDA (1989, p.79): *As enfermeiras seriam os intelectuais da enfermagem?* Essa pergunta baseia-se na obra de Gramsci e sua contribuição acerca dos intelectuais. Ele afirma que em qualquer trabalho físico existe um mínimo de atividade intelectual criadora e que todos os homens são intelectuais, mas nem todos exercem essa função na sociedade (GRAMSCI, 1979). Os intelectuais orgânicos entendidos por Gramsci como um bloco ligado a uma classe de cujos interesses são representantes, têm função mediadora na relação entre a classe dominante e o sistema de organização da sociedade. Em suma, são “funcionários da ideologia”. Isso transposto à enfermagem, podemos dizer que as enfermeiras são “funcionárias” da ideologia dominante (Santos, *apud* GERMANO, 1985; Gramsci, *apud* ALMEIDA, 1989).

Relacionando essas características do trabalho da enfermagem à inevitável informatização dos serviços de saúde no Brasil fica evidente o surgimento de mais um desafio para os enfermeiros. Ele consiste em como utilizar os recursos da informática na prática da enfermagem, considerando a divisão técnica do trabalho, os diferentes níveis de formação das categorias (enfermeiro, técnico, auxiliar) e a complexa realidade do setor-saúde, que convive com serviços extremamente carentes ao lado de outros equipados com tecnologia avançada (SCOCHI *et al.*, 1991).

Assim sendo, até que ponto a informatização não estaria simplesmente se prestando a repetir, consolidar o *status quo*, no qual o modelo econômico e social, na vertente das políticas neoliberais, determina e conduz toda a orientação e execução das ações governamentais? Não estaria aí embutida uma ideologia de manutenção do consumismo, da competição? O acesso à informática atualmente é garantido a quem? Quem não possui habilidades para operar os recursos da informática teria competitividade? Não seria a informática mais um fator de exclusão?

Tecnologia e humanização

A evolução da Ciência nos traz agora uma nova revolução: a Revolução Tecnológica. Essa nova revolução, com o desenvolvimento dos computadores e sua incrível capacidade computacional, da microeletrônica, dos *chips*, entretanto, não pode ser vista somente como a evolução das máquinas. Precisa-se extrair muito mais desses recursos, além da simples automatização de tarefas.

A velocidade com que as ciências se desenvolvem é alucinante. É fundamental para qualquer profissional que se mantenha informado sobre os últimos avanços na sua

área. Não pode ser diferente para o profissional de enfermagem, principalmente porque neste caso, uma informação pode significar a vida ou a morte de um paciente.

O que se prega com o uso dos computadores é que a humanidade terá novas maneiras de se comunicar, de trocar informações de maneira mais rápida e eficiente, com baixos custos. Uma cirurgia delicadíssima pode ser feita através de terminais de computadores com médico e paciente separados por milhares de quilômetros. Isso tudo parece milagre, entretanto já acontece. Talvez esteja aí a chance de uma virada na postura ética adotada no uso da tecnologia disponível e em benefício do ser humano.

A informática em enfermagem deve combinar a ciência da computação e da informação com a ciência da enfermagem. Com a informática os dados são coletados, agregados e organizados. As informações são transportadas do ponto de origem e ao ponto de uso de uma maneira econômica, eficiente e útil à assistência (ÉVORA, 1996).

Os computadores e a informática, de uma maneira geral, provêm meios para que várias tarefas sejam automatizadas. Quando nos deparamos com o funcionamento de nossas unidades hospitalares e de saúde pública é fácil identificar o relevante papel que a informática vem desenvolvendo nessas áreas. Muitas filas têm sido evitadas, em muitos casos o atendimento tornou-se um exemplo de eficiência, os pedidos de medicamentos chegam quase que imediatamente à farmácia. Podemos de qualquer terminal de computador dentro do hospital pesquisar os pacientes internados e as informações a eles relacionadas. Já existem terminais à beira do leito onde, entre outras coisas, os cuidados executados podem ser imediatamente registrados.

Apesar de tudo isso, GERMANO (1993, p. 73) alerta que *é importante ressaltar que o avanço tecnológico na área da saúde, ao mesmo tempo que contribuiu para o prolongamento da vida,(...), de certo modo vem afastando o enfermeiro do paciente, bem como os demais profissionais que o tratam.* O uso de aparelhagem sofisticada levou o profissional da saúde a dar mais importância aos equipamentos do que ao doente. Além disso, o *status* obtido pela manipulação de tais equipamentos também contribui para afastar sua atenção dos pacientes. Por outro lado, observamos a subutilização do computador em algumas instituições de saúde, seu pouco aproveitamento nas questões relativas ao planejamento da assistência de enfermagem e a escassa reflexão, entre os enfermeiros, acerca do potencial e das possibilidades a serem desenvolvidas nessa área.

É, portanto, chegada a hora de uma tomada de decisão e de se questionar sobre de que forma o computador pode ou deve ser usado na assistência ao paciente, definindo quais funções relacionadas à assistência executadas pela enfermagem podem ser realizadas por uma máquina, em que extensão a máquina pode melhorar a qualidade da assistência e em que nível é possível compatibilizar o custo financeiro com o emocional da assistência ao paciente. É também oportuno o questionamento sobre a forma de sociedade que desejamos, para que não haja uma supervalorização da eletrônica e computação em detrimento do pensamento reflexivo sobre os valores e as reais necessidades humanas (LUÍS *et al.*, 1992).

O uso racional do computador nas tarefas de enfermagem pode privilegiar o contato direto enfermeiro/paciente, possibilitando uma troca efetiva de informações. Essa aproximação pode estimular a participação do paciente nas decisões relacionadas ao seu tra-

tamento, e no tipo de assistência de enfermagem a ele prestada. O enfermeiro deve envolver o paciente no planejamento dos cuidados levando em conta, sempre que possível, suas características e necessidades individuais. Estaremos, desta forma, respeitando-o como pessoa e tornando-o co-responsável pela qualidade dessa assistência.

Devemos valorizar a utilização dos recursos da informática como um meio facilitador da atuação do enfermeiro, oportunizando sua reintegração em suas verdadeiras funções, favorecendo seu desempenho na assistência técnica e humanizada junto ao paciente (GUIMARÃES *et al.*, 1990), e também, livrando-o de serviços ligados indiretamente aos cuidados do paciente (ordens de requisições de medicamentos e suprimentos, anotações de enfermagem) (LUÍS *et al.*, 1992).

Ensino de informática na enfermagem

Todos estes questionamentos são de fundamental importância e devem estar permeando não só a vida dos enfermeiros que atuam na assistência, mas principalmente a dos educadores que estão formando os futuros profissionais.

As áreas acadêmicas e profissionais emergem ao longo de um processo paralelo. Pois, se por um lado, as áreas profissionais utilizam o saber desenvolvido pelas acadêmicas, estas se inspiram na produção das áreas profissionais para desenvolver novo saber (TRENTINI *et al.*, 1992).

Sob este aspecto é que nos questionamos quanto ao tipo de formação que está sendo dada aos estudantes de enfermagem, em especial nas disciplinas de informática. A importância do uso da informática é incontestável, principalmente se tivermos em mente que ela pode abrir espaço para a reflexão da profissão, para o debate de questões mais amplas, e principalmente para a dedicação do enfermeiro ao cuidado humanizado. Ou seja, a função do computador deve ser a de agilizar tarefas automáticas, deixando mais tempo para os humanos fazerem tarefas humanas.

O que observamos, de uma maneira geral, nas disciplinas de informática ministradas em cursos universitários, é o modismo de se dizer que a escola oferece a disciplina e conta com laboratórios equipados com computadores. Entretanto, via de regra o que é ensinado são conceitos de informática básica. Não que esses conceitos não sejam necessários, porém é imperativo que se vá além disso. Em sua maioria, não se focalizam seu uso no contexto hospitalar e de saúde pública, nem nos possíveis benefícios decorrentes de sua utilização no planejamento e implementação da assistência de enfermagem e, em última instância, ao paciente.

No entender de ÉVORA (1996, p.5),

A introdução da Tecnologia Computacional no campo da Enfermagem revela uma forte tendência do futuro; entretanto, está sendo julgado por muitos como irrealista e demasiado inovador. Com respeito à realidade presente, esta tecnologia encaixa-se perfeitamente, dentro de uma óptica de aprimoramento da qualidade dos cuidados de saúde.(...) um dos inconvenientes do uso dessa tecnologia é, certamente, o tempo dispendido à formação dos enfermeiros (...). É lamentável que a maioria dos programas de educação em enfermagem não forneçam aos alunos conhecimentos básicos.



Visando superar alguns dos problemas mencionados acima, consideramos que a informática pode prover ótimos recursos de simulação de situações onde o estudante poderá testar procedimentos, medicamentos e atendimentos sem colocar em risco a vida de pacientes. ÉVORA (1996) refere-se à Instrução Assistida por Computador (CAI) como uma estratégia viável no ensino de enfermagem. Os tipos mais comuns de programas incluem: exercícios de repetição e prática; atividades tutoriais; diálogo; simulação e atividades de jogos. Envolvem ativamente os alunos no processo e lhes possibilita adequar o ensino, das mais diversas áreas da enfermagem, a seu ritmo próprio de aprendizado. Ao realizar trabalhos de iniciação científica o aluno poderá aprender a empregar o computador para a análise dos dados, além da utilização das várias Bases de Dados disponíveis. Pode ainda oferecer uma ampla fonte de informações onde o estudante poderá pesquisar o que há de mais moderno no mundo da saúde.

Há que se fazer com que os computadores das escolas de enfermagem sejam utilizados não somente para a digitação de trabalhos; que os computadores dos hospitais não sejam meras máquinas de escrever sofisticadas. Segundo TELLES e CASSIANI (1998), o uso de programas de computação, como por exemplo *Windows*, *Power Point* e *Corel Draw*, como sendo facilitadores da “vida acadêmica” foi aprovado por 80% dos alunos por eles pesquisados. Sem dúvida, é muito mais simples digitar um texto usando um editor de textos eletrônico do que ter que escrevê-lo à mão, além de facilitar a sua leitura posterior. Mas, será que a informática deve se prestar somente a esse papel: o de facilitador das atividades acadêmicas?

O profissional da saúde tem que estar consciente de que o computador é uma ferramenta de seu trabalho. Como tal, ele deve dominar o seu manuseio assim como domina outras atividades inerentes à sua profissão. O enfermeiro deve saber tirar do computador informações que melhorem as condições de tratamento de seus pacientes e as suas condições de trabalho.

Para isto, é necessário que esta disciplina seja ministrada por pessoas que conheçam a realidade da profissão. Geralmente, seus professores são “computólogos”, ou seja, pessoas que dominam muito a informática, capazes de desenvolver programas complicadíssimos, algoritmos sofisticados, operar os mais diversos *softwares*. Entretanto, alguns deles jamais sequer entraram em um hospital ou unidade básica de saúde. Como esses professores serão capazes de apontar a seus alunos as melhores maneiras de utilização do computador no dia-a-dia da profissão? Que conhecimento este professor tem dos aspectos éticos e humanistas da profissão de enfermagem? Se o ensino é simplesmente de informática básica, no que isso pode contribuir para que o enfermeiro possa ser mais humano com seus pacientes?

Por outro lado, um grande número de professores de enfermagem são enfermeiros, e algumas perguntas a esse respeito merecem ser feitas. Qual o domínio de conhecimento de informática aplicada à enfermagem destes professores? Aproveitam recursos da informática para melhorar suas aulas e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem? Utilizam o computador como recurso pedagógico?

Essas reflexões nos levam a acreditar que os objetivos e conteúdos de ensino devam ser selecionados a partir da realidade concreta, buscando atender às necessidades que nela se apresentam. Cabe aos cursos de enfermagem a adequação e atualização do

ensino de informática buscando preparar o profissional para atender à demanda da sociedade relacionada à prevenção da doença e promoção da saúde. É preciso que se defina claramente a contribuição da informática na formação do enfermeiro comprometido com a melhora das condições de saúde da população.

Considerações finais

Segundo Masuda (*apud* LUÍS, 1992), uma inovação tecnológica se desenvolve nos sistemas sócio-econômicos, primeiramente, com a tecnologia fazendo o trabalho previamente feito pelo homem; depois tornando possíveis novos tipos de trabalho e, finalmente, transformando as estruturas sociais e econômicas existentes em novos sistemas sócio-econômicos. Uma vez que o computador fará uma parte do trabalho automatizado, é necessário que o enfermeiro dedique mais do seu tempo em tarefas criativas, voltadas ao relacionamento com o paciente e seus familiares.

Há portanto uma série de fatores que devem ser discutidos e levados em conta na profissão de enfermagem. Mas, para TEIXEIRA (1990), é através do aprimoramento do profissional que se pode alterar o “status quo” da enfermagem nacional, e a informática pode ser um dos caminhos para esse aprimoramento. A autora acredita ser necessário conhecer para discutir e discutir para alterar e/ou melhorar o trabalho realizado na enfermagem.

O papel do enfermeiro é buscar a consciência plena desta nova visão de mundo e utilizar-se dos recursos dessa tecnologia para organizar os nossos sistemas de informação, não como um fim em si, mas como um meio para agilizar o processo de decisão e racionalizar o trabalho, tendo como meta final a otimização da assistência de enfermagem.

O enfermeiro deve iniciar seu preparo na academia, com docentes preparados e integrados com as tecnologias de ponta, com visão crítica e reflexiva, sem com isso “deletar” a sua essência: o cuidar de forma individualizada, com respeito, enfim, de forma “humana”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; ROCHA, Juan Stuardo Yazlle. **O saber de enfermagem e sua dimensão prática**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- ÉVORA, Yolanda Dora M. **Processo de informatização em enfermagem**. São Paulo: EPU, 1996.
- GERMANO, Raimunda Medeiros. **Educação e ideologia da enfermagem no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1985.
- GERMANO, Raimunda Medeiros. **A ética e o ensino de ética na enfermagem do Brasil**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- GUIMARÃES, Solange Machado; GUS, Jairo; PRESTES, Antonio Marcos Pires; ZIMMER, Paulo Marcelo. Elaboração de *software* para prescrição de enfermagem na



sala de recuperação pós-anestésica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. **Enfoque**, São Paulo, v.18, n.1, p.11-16, mar./jul. 1990.

LUÍS, Margarita Villar; SCOCHI, Carmen Gracinda Silva; ATZINGEN, Regina Helena Von. Reflexões sobre a inserção da informática na profissão de enfermagem. **Rev. Gaúcha de Enferm.**, Porto Alegre, v.13, n.1, p.37-40, jan. 1992.

PATRÍCIO, Zuleica Maria. Promovendo a cidadania através do conceito de cuidado. **Texto e Contexto**, Florianópolis, v.1, n.1, p.89-106, jan./jun. 1992.

ROCHA, Semiramis Melani Melo; SILVA, Graciete Borges da. Linhas filosóficas e ideológicas na pesquisa em enfermagem no Brasil. **Rev. Bras. de Enf.**, Brasília, v.40, n.4, out./dez., 1987.

SAUPE, Rosita. Formação do enfermeiro cidadão crítico – entendimento dos docentes de enfermagem. **Texto e Contexto**, Florianópolis, v.1, n.1, p.1-15, jan./jun. 1992.

SCOCHI, Carmen Gracinda Silvan; SANTOS, Beatriz Regina Lara dos; ÉVORA, Yolanda Dora Martinez. A informática na prática de enfermagem: um novo desafio para o enfermeiro. **Rev. Gaúcha de Enferm.**, Porto Alegre, v.12, n.2, p.19-22, jul. 1991.

TEIXEIRA, Elizabeth. Conhecimento e opiniões de enfermeiros sobre informática na Enfermagem. **Enfoque**, São Paulo, v.18, n.1, p.17-19, mar./jul. 1990.

TELLES FILHO, Paulo Celso Prado; CASSIANI, Sílvia Helena de Bortoli. Atitudes de discentes de enfermagem frente ao computador. **Rev. latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v.6, n.4, p.119-120, out. 1998.

TRENTINI, Mercedes; PAIM, Lygia. Enfermagem: ciência ou profissão? **Rev. Gaúcha de Enferm.**, Porto Alegre, v.13, n.1, p.28-33, jan. 1992.